

4

Análise dos dados

Para a análise dos dados, restringimo-nos aos pronomes demonstrativos *este(a)/isto*, *esse(a)/isso* e *aquele(a)/aquilo* que atuavam além de suas propriedades básicas. Não comentamos os casos em que foram empregados somente como elemento referencial, uma vez que já faz parte da tradição gramatical. Além do mais, fugiria dos objetivos da pesquisa. Assim, nas subseções, a seguir, descrevemos e analisamos sete categorias de uso dos pronomes demonstrativos que foram encontradas: (i) *valor apreciativo*; (ii) *valor depreciativo*; (iii) *autonomia referencial*; (iv) *valor de pronome indefinido*; (v) *marcador discursivo*; (vi) *conhecimento compartilhado*; (vii) *composição de expressões com valor depreciativo*.

Foram escolhidos apenas alguns fragmentos para a análise. Os textos, na íntegra, estão em anexo, ordenados do número (1) ao (37). A numeração disposta, nos trechos analisados, que vai do (115) ao (156), segue uma sequência de exemplos apresentados desde a introdução do trabalho. As imagens, que geralmente acompanham as postagens nos blogs, foram suprimidas por questão de espaço.

Consideramos importante mostrar, tanto para o aluno nativo como para o aluno de PL2E, que os pronomes demonstrativos têm um potencial funcional bastante expressivo, assumindo diferentes funções de acordo com o contexto de uso. Uma visão reducionista dos empregos dessa classe pode causar, no aluno de PL2E, limitações em suas interações comunicativas.

4.1

Valor apreciativo

Tanto Neves (2011: 504) quanto Celso e Cunha (2008: 353) são unânimes ao afirmarem que os demonstrativos *isto*, *isso* e *aquilo*, quando aplicados a pessoas, geralmente, expressam valor depreciativo ou irônico. Contudo, nas ocorrências, abaixo, os demonstrativos foram utilizados com valor apreciativo.

(115) A Colcci e o para-quedas (Texto 2)

*Ontem, o tão esperado desfile da **Colcci** aconteceu, com atraso, mas foi triunfante! (...) A grande expectativa da noite, por incrível que pareça, não foi **aquilo** tudo da Gisele, mas **issozinho** aqui do Jesus Luz.* (Nanda Portella)

(116) Caras de pau (Texto 3)

*(...) Tá bem de madrasta, hein, companheiro? O coroa tá mandando direitinho, **isso** daí ainda dá um belo caldo.* (Leonel Prata)

(117) Sorria e o mundo te fará feliz! (Texto 4)

*A alegria é **aquilozinho** que faz a gente feliz, mas ela depende mais de nós do que dos outros para seguir seu ciclo. Sorria e o mundo te fará feliz e alegre também se alegrará contigo! Seja belo e as situações te recompensarão - com atitudes e gestos nobres!* (Neire Ariadna)

Em (115), "issozinho" foi empregado para transmitir admiração ao modelo Jesus Luz¹, destaque na mídia como ex-namorado da cantora americana Madonna. A fim de deixar claro o quanto o modelo despertou a curiosidade do público no desfile da Colcci, a autora do texto, Nanda Portella, menciona que a presença dele criou maior expectativa em relação a presença da modelo Gisele *Bündchen*.

Chama atenção a construção "não foi aquilo tudo", referindo-se à Gisele. Essa expressão é muito usada para indicar decepção em relação a algo ou a alguém, como por exemplo: "o filme **não foi aquilo tudo** que eu esperava" ou "ele **não é aquilo tudo** que dizem". Observamos, porém, que a autora não utiliza a expressão para depreciar a modelo, pelo contrário. Ao utilizar "Aquilo tudo", a autora dá ênfase, reforça a notoriedade da modelo, surtindo, inclusive, um efeito gradativo: "aquilo tudo da Gisele", como a expressão do máximo em personalidade, fama e competência profissional da modelo, e "issozinho do Jesus Luz", que não expressa, no entanto, inferioridade, mas apreço ao modelo que, embora não tenha a bagagem profissional da Gisele, impressionou o público.

Poderíamos cogitar que o valor avaliativo está no sufixo "inho" e não no demonstrativo. Porém, se substituirmos "**issozinho aqui** do Jesus Luz" por "**isso aqui** do Jesus Luz", podemos notar que a apreciação continua. O sufixo "inho", portanto, intensifica o valor apreciativo já demonstrado na construção "isso aqui".

¹ Em 2009, o modelo e DJ Jesus Luz fez um ensaio com a pop star Madonna para a revista W. A cantora declarou em entrevistas ter se encantado com a beleza do brasileiro. No mesmo ano, iniciaram um relacionamento. Um ano depois, o modelo ganhou um perfil no jornal "The New York Times". Jesus Luz e Madonna foram namorados até fevereiro de 2011.

Conforme aponta Alves (2006), o operador “inho” possui a amplidão necessária para permitir a expressão de estratégias ilocucionárias.

A construção *isso daí*, em (116), é outro exemplo de uso muito utilizado com sentido depreciativo, mas aqui faz referência com ênfase apreciativa

Em (117), observamos o emprego de “aquilozinho” tanto indicando afetividade quanto abarcando a ideia de simplicidade. “Aquilozinho” sugere que não é necessário algo grandioso para encontrar a alegria. Ela pode estar nas pequenas coisas.

Temos, então, o uso de demonstrativos não só retomando referentes, sua característica principal, operando, portanto, no nível representacional, mas também assumindo uma função subjetiva no discurso. A transgressão da norma (*isso* e *aquilo* aplicados a pessoas, podendo estar no diminutivo ou não) torna-se uma estratégia comunicativa: demonstrar a opinião, o julgamento do falante em relação ao que foi dito. Operando, assim, no nível interpessoal da língua.

Segundo a abordagem funcionalista (Neves, 1997: 2), as estruturas das expressões linguísticas são consideradas configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração.

4.2

Valor depreciativo

Quando se trata do emprego dos demonstrativos com valor depreciativo, os exemplos são mais abundantes, mostrando sua recorrência na língua. Os trechos, abaixo, são apenas um recorte do que encontramos. Não há, no entanto, uma forma específica, podendo ser usados no diminutivo ou não. Apesar do trabalho não ter como foco a análise quantitativa, a ocorrência maior parece ser na forma diminutiva. Em muitos casos, vêm acompanhados de advérbios, “issozinho / essazinha + aí / daí”, como em (119), (121) e (125), ou de outro pronome, “essa + tal”, como em (120), os quais intensificam o valor depreciativo.

(118) Junho, mês de festas (Texto 5)

Jamais ouvi alguém falando mal de festa junina. Imagino que estes detratores devam existir. (...) Eu adoro todas estas datas e penso com meus botões que muitas pessoas reagem a elas simplesmente porque acham que é

bonito ser contestador, que é sinal de inteligência mostrar-se questionador e acabam embarcando em causas furadas. (Carla Cintia)

(119) ONU pede fim do embargo à Cuba (Texto 6)

"Esse pessoal "progressista" é muito gozado (...)": nome deles agora (...). Por sinal, o único "comunista" aberto do blog é um dos maiores contribuidores da pesada de conteúdo, você tem o que pra oferecer mesmo? E só issozinho aí? Me mostre os "progressistas", capiau. (Ivan Moraes)

(120) **Essazinha**, a tristeza (Texto 7)

Só esses bem-te-vis aos meus ouvidos, à seis da tarde, conseguem amenizar a ira da minha tristeza. Ela, essa tal tristeza, é minha conhecida há tempos, nem sei quanto, acho que já tinha nascido comigo, intrínseca à minha existência, quem sabe até a conhecia antes de mim. (Ada)

(121) Oh, o Kindle (Texto 8)

*Eu acho engraçadinho como todo mundo está correndo a divulgar os problemas e faltas do tal Kindle (o nome é feio, convenhamos, lembra Kinder Ovo), e também dizer que, ah, que bobagem que **issozinho** aí vá representar o fim do livro impresso (...). (Olivia Maia)*

(122) As exiladas do Alasca (Texto 9)

(...) O mais curioso acontece quando duas exiladas se encontram e reconhecem algo em comum: o homem. Uma era a oficial. A outra, amante. Cara a cara.

*- Fulaninha! Você por aqui? - diz a ex-oficial, com um sorriso falso. (Eu sabia que não ia dar certo. Conheço o Arnaldo desde a faculdade. Não dava duas semanas para **essazinha**. Até que durou.). (Bíbi da Pieve)*

(123) Seria cômico se não fosse trágico: reajuste de 6,51% para os servidores públicos em Campos (Texto 10)

É isso! O tão comentado reajuste anual dos servidores públicos municipais de Campos será de, nada mais, nada menos que 6,51%. (...). E se issozinho de reajuste veio agradeçam ao prefeito de Macaé (...). (Luciana)

(124) A mãe dele (Texto 11)

*"Juro que, se **Aquelazinha** vier a se meter mais uma vez onde não é chamada, eu não respondo por mim!"*

*Por **Aquelazinha** leia-se: a sogra. E a descompensada autora da frase que abre a crônica de hoje é uma pacata cidadã, mãe de um dos garotos mais*

espertos e amorosos que conheço, uma paciente professora de balé para pequenas fofuras de tutu, além de uma péssima pregadora de botões. (Corina Haaiga)

(125) Caras de pau (Texto 3)

*(...) Fomos logo buzinar na orelha do magro. Tá bem de madrastra, hein, companheiro? O coroa tá mandando direitinho, isso daí ainda dá um belo caldo. Aquilo é silicone puro, reparou? Meia-sola, cara, meia-sola, tá de bom tamanho. Quer o quê, a Sophia Loren? Pra mim, **essazinha** aí tá é afim da grana dele, é ou não é? Será que ele dá conta do recado? (Leonel Prata)*

(126) Os ricos miseráveis (Texto 12)

O que dizer deste nosso juiz? O nosso juiz, o nosso aplicador de justiça? (...) Este nosso juiz, que em um mês embolsou (...): \$ 640 mil. (...) Isto no país onde o salário mínimo POR LEI, é de \$ 622 reais.

*(...) Sabe quanto o senhor, senhor trabalhador de um salário mínimo, teria de trabalhar, para dar um mês de salário do senhor juizinho? Um mil e trinta e três meses. Só **issozinho**. (João Felipe)*

(127) O fantástico real (Texto 13)

*Ah! Cansei, tá? Não vou mais ficar aqui falando de ficções. Deu. Eu acordo, vou pra terapia, trabalho à beça. Tudo normal. É a vida minha gente! Só **issozinho** mesmo. (Fabi)*

Em (118), a julgar pelo ponto de origem do enunciador, seria de se esperar o emprego de “esses”, mas a autora, para enfatizar seu desprezo pelas pessoas que falam mal de festas juninas, opta por “estes”. Vemos um fator de ordem subjetiva se sobrepondo ao de espaço, determinando o uso da 1ª pessoa com o propósito de imprimir ao referente um valor depreciativo.

No trecho: *Esse pessoal "progressista" é muito gozado*, em (119), observamos que “esse” não é um mero especificador, transmite também valor pejorativo. Cabe lembrar que o pronome *esse*, já no latim clássico, era considerado enfático por excelência (Andrade, 2001: 165).

Em (123), podemos notar que “issozinho” encerra tanto o valor de tamanho quanto de menosprezo. A autora do texto reclama que o aumento dos professores, em Macaé, foi de apenas 6,51%. Ela considera pequeno, insignificante, por isso a escolha de “issozinho” para se referir ao reajuste. Já em

(126), o autor opta por "issozinho" em referência ao montante salarial do juiz (\$ 640 mil), num tom claramente irônico. O emprego desta mesma forma, em (127), expressa mais conformismo que depreciação.

Dik (1989) destaca que a relação entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte não é estabelecida pela expressão linguística, mas sim mediada por ela. Assim, as escolhas linguísticas, no ato comunicacional, estão ligadas ao papel que assumem na interação verbal e aos propósitos dos atos de fala. Vemos, portanto, uma mesma expressão (issozinho) adquirindo valores diferentes por conta das intenções comunicativas.

A respeito do propósito comunicativo, Souza (2008: 16) destaca que uma grande mudança instaurada pela GFD é a inserção do componente conceitual em seu modelo de gramática. Segundo Hengeveld (2004), o componente conceitual (de caráter cognitivo, onde surge a intenção cognitiva) não faz parte da gramática, mas é a força motriz que está por trás do componente gramatical. Souza (*Idem*) acrescenta que um modo de interpretar a operação de formulação é o de que ela representa a conversão de uma representação conceitual pré-linguística em representações semânticas e pragmáticas linguisticamente relevantes.

Essas afirmações corroboram para a defesa da multifuncionalidade dos demonstrativos. Além das funções dêitica e anafórica (domínio concreto de sentido), temos visto, nos exemplos arrolados, o emprego dos demonstrativos funcionando a serviço de necessidades expressivas (domínio mais abstrato e subjetivo). A opção por um ou outro demonstrativo, sozinho ou acompanhado de advérbios ou ainda na forma diminutiva, é estabelecida de acordo com a necessidade do falante quando quer dar a sua construção um tom pejorativo, apreciativo, irônico, etc. Como postula a GFD, é a intenção do falante que determina suas escolhas linguísticas.

4.3

Autonomia referencial

Em Pavani (1987: 19), encontramos a afirmação de que os demonstrativos somente são empregados na presença do objeto (presença no contexto linguístico ou na situação extralinguística). Temos, no entanto, algumas observações a fazer a esse respeito.

Em nossos dados, encontramos alguns usos em que os demonstrativos adquirem sentidos próprios dentro de alguns contextos. São casos em que *isto* / *isso* e *aquilo* não apontam para nenhum referente no enunciado ou na situação.

(128) Quem sou eu (Texto 14)

A mulher que, na maturidade, libertou-se de ditaduras como a da juventude, a da magreza, a de ter que ser isto ou aquilo, a de ter que gostar de política para ser respeitada entre os "politicamente corretos" (...). (Leonor Maria)

(129) Apesar de tudo isso que disse aí embaixo, deixa uma resposta (Texto 15)

Como eu sempre disse, mulher se veste para mulher e ,realmente, essa mania de valorizar homens muito sensíveis, muito issozinho, muito aquilinho, parece coisa de querer efeminar o homem!.. (Alessandra Mosquera)

(130) Adoro carros (Texto 16)

(...) Cansei de fazer avaliações para a troca de carro e o pessoal das concessionárias "avaliar" só de longe. O único carro meu, que foi avaliado de forma mais minuciosa foi um Versallão bem rodado (que estava inteiro!), de resto... nem queriam saber ou se importavam se tinha isso ou aquilozinho (...).

Os demonstrativos neutros *isto* / *isso* e *aquilo*, nos casos acima, estabelecem uma conexão temática dentro do texto, ou seja, é possível, pelo contexto linguístico, deduzir alguns significados, mas a função pronominal básica dessas formas fica, no mínimo, prejudicada. São empregos dessa natureza que vão de encontro ao que postulam as gramáticas tradicionais: os demonstrativos não tem autonomia referencial, são essencialmente dêiticos ou anafóricos.

Em (128), libertar-se da ditadura de ter que ser *isto* ou *aquilo* sugere independência para fazer as próprias escolhas e não seguir mais um padrão, um modelo instituído pela sociedade no que diz respeito à comportamento, profissão, relacionamentos, etc.

O emprego, em (129), traz forte conotação pejorativa, reforçando um preconceito em relação ao universo masculino. Este uso indica que homem *muito issozinho* e *muito aquilinho* é homem "fresco". Aqui, a noção veiculada pelos demonstrativos expressa também subjetividade, pois expõe a avaliação negativa da autora em relação ao homem que tem atitudes ou comportamento "menos masculino".

Em (130), *ter isso* ou *aquilozinho* no carro alude às avarias que um veículo usado pode apresentar. O emprego do diminutivo, nesse caso, não tem carga pejorativa, sugere os danos menores, que, às vezes, nem são aparentes no carro.

O paradigma funcionalista da linguagem busca analisar a instrumentalidade da língua em relação ao que as pessoas fazem e alcançam com ela no intercâmbio comunicativo. Em relação à interação verbal, Dik (1989: 8), ao explicar o papel da expressão linguística, diz que a interpretação do ouvinte depende da própria expressão linguística, da informação pragmática de que ele dispõe e de sua hipótese sobre a intenção comunicativa do falante.

Considerando os postulados, acima, e o modo como foram empregados os pronomes demonstrativos, nos exemplos arrolados, podemos confirmar que faz parte da competência linguística do falante a forma como este submete a língua às suas condições de enunciação e ao mesmo tempo fornece pistas ao ouvinte para que seja capaz de inferir o sentido da mensagem transmitida.

Isso quer dizer que os falantes, além de serem capazes de integrar as produções verbais em contextos, também jogam com esses contextos no sentido de deduzir novas significações. Fica fácil entender porque a GFD inclui o contexto como um dos componentes da análise linguística e considera os enunciados seguindo uma organização *top-down*, que parte da intenção do falante (do componente conceitual) para a expressão das formas linguísticas. Nessa organização, o componente conceitual, estreitamente relacionado ao contextual, se manifesta na expressão linguística.

Assim, observando o funcionamento dos demonstrativos nos contextos (128), (129) e (130), podemos dizer que eles foram empregados com significações que não têm a ver com suas propriedades dêiticas ou anafóricas, já que não há referentes definidos, mas com a intenção do emissor em usar essas formas para dar margem às várias possibilidades interpretativas. Trata-se de uma economia linguística, a comunicação de mais de uma mensagem com uma mesma construção linguística. Muito provavelmente, outros leitores podem inferir significações diferentes das que apresentamos na análise.

Em (128), por exemplo, quando o autor diz que as concessionárias, na hora de avaliar o carro para troca, *nem queriam saber ou se importavam se tinha **isso ou aquilozinho***, a expressão em negrito pode significar não somente os possíveis problemas que o carro usado pode ter, mas também o bom estado de conservação

que alguns veículos usados apresentam, e que, nesse caso, para a concessionária seria indiferente.

Conforme encontramos em Neves (1997: 3), a principal tarefa de uma gramática funcional é fazer correlações ricas entre forma e significado dentro do contexto global do discurso.

No nível representacional, "isto / isso ou aquilo" são interpretáveis semanticamente, dentro de seus contextos, como designadores predicativos. No nível interpessoal, atua discursivamente, ativando operações cognitivas avaliativas no interlocutor a partir da informação pragmática.

Diante das possibilidades expressivas veiculadas por "isto / isso ou aquilo", o falante leva o destinatário a eleger uma interpretação coerente, considerando seu conhecimento da situação e o conhecimento de mundo.

Dentro do paradigma funcionalista e do quadro de interação verbal de Dik (1989), as expressões linguísticas devem ser pensadas não como objetos isolados, mas como instrumentos que são usados pelo falante para evocar no ouvinte a interpretação que deseja.

4.4

Valor de pronome indefinido

Encontramos outros exemplos de uso em que o demonstrativo vai perdendo sua propriedade dêitica e fórica. Nos casos, abaixo, o demonstrativo neutro *isso*, na forma diminutiva, atua com valor de pronome indefinido. Na maioria das ocorrências, o pronome se apresenta posposto ao artigo indefinido *um* e, às vezes, vem seguido de advérbio (*um + issozinho + aqui*), ainda não é uma construção cristalizada, mas podemos ver que começa a sofrer um processo de ritualização.

Neves (2011: 533) afirma que os pronomes indefinidos não têm natureza fórica ou dêitica e acrescenta que eles podem ser indefinidos quanto à referência ou quanto à quantidade. Vemos essas propriedades nos demonstrativos abaixo:

(131) Junho, mês de férias (Texto 5)

(...) Mas eu ia falar das festas juninas, sobre as quais jamais ouvi um issozinho. Até na escola da minha sobrinha, que é dirigida por protestantes, há

uma festa junina. (...) Recebe um nome especial, algo como Festival de Inverno, mas é essencialmente uma festa junina. (Carla Cintia)

(132) Papai Noel entenda (Texto 17)

(...) Um cronista é o retrato de seu tempo, estamos no Advento, e seria de uma presunção descartável, da minha parte, não tecer um teretê assim sobre a chegada do menino Jesus, sobre o espírito natalino, e sobre a pilha de anseios e desejos que espero encontrar apertadinhos dentro do meu sapatinho na noite do dia 24 para o dia 25.

*Minha lista é bem zinha. Um **issozinho** de mimos. Vão ficar amassadinhos, não porque são amplos e caros, mas porque o sapato é 37 e minhas vontades são densas, baratas e facilmente encontradas no mercado. Têm pouca extensão, mas transbordam em intenções. (Raimundo Sodré)*

(133) Feliz Dia dos pais pra todos (Texto 18)

*Há alguns anos, lá na Praça da República eu vi o Delcley Machado tocando a música “Manuel, o Audaz”, do compositor mineiro Toninho Horta. Fiquei impressionado com aquela apresentação. Primeiro porque o show era ao ar livre e, já sabe né, com direito àquelas limitações de infra que a gente conhece quando o poder público se anima para ofertar um **issozinho** de bom para o povo. (Raimundo Sodré)*

(134) Desabafo profissional (Texto 19)

*É incrível como o tempo passa depressa quando você abre mão da sua vida profissional em nome da pessoal. E se você me perguntar se eu me arrependo, eu vou dizer a você que nem um só **issozinho**. (Leila Cordeiro)*

(135) Tudo muda o tempo todo no mundo (Texto 20)

*Só falta **issozinho** aqui para eu respirar aliviada, a parte mais difícil já foi... [foi ontem!] Meus dias têm sido mais leves!!! (Elisangela Silva)*

(136) Confissão e sem acentos e til ... (uma confissão mais forte ainda) (Texto 21)

*(...) To apaixonada por um cara legal, que parece gostar de mim, que me trata bem, que eh inteligente, bonito. E pronto, não tenho nem um **issozinho** pra falar dele. (Deborah)*

(137) Quem dá show é o Vascalhoadá (Texto 22)

*Após o jogo o time se reuniu no Bar da Maria para rever os pontos frágeis da equipe e costurar melhoras, apesar da vitória inquestionável. Roger continuou de fora por problemas reumatológico e de idade; Claudio apareceu somente no final, pois estava em sessão de fisioterapia para a virilha. Tirando um pelo outro, não dá em nada; Botelho foi destaque na Zaga e assim como Alberto Dejavú. Faltou um **issozinho** aqui para Alberto chegar perto de Botelho.* (Nestor da Marininha)

Se fizermos uma busca nos textos para encontrarmos os referentes de “issozinho”, veremos que eles não existem. Isso ocorre porque “issozinho” não foi empregado como demonstrativo, mas com valor de pronome indefinido.

Em (131), (132), (134), (135), (136) e (137) podemos considerá-lo sinônimo de “pouquinho” ou “tantinho”, indica quantidade indeterminada. Já em (133), a noção de indefinição não é de quantidade, mas de referência, podendo ser substituído pelo pronome indefinido *algo* ou pela locução *alguma coisa*. Fazendo as substituições, o sentido geral do texto é mantido.

(131) - *Mas eu ia falar das festas juninas, sobre as quais jamais ouvi um **tantinho** / um **issozinho**.*

(132) - *Minha lista é bem zinha. Um **pouquinho** / um **tantinho** / um **issozinho** de mimos.*

(133) - (...) *a gente conhece quando o poder público se anima para ofertar **algo** / **alguma coisa** / um **issozinho** de bom para o povo.*

(134) - (...) *E se você me perguntar se eu me arrependo, eu vou dizer a você que nem um **tantinho** só / nem um **pouquinho** só / nem um só **issozinho**.*

No nível representacional, “issozinho” opera indicando quantidade, extensão ou objeto indefinido. No nível interpessoal, exerce função expressiva: ao optar por “issozinho” no lugar de um pronome indefinido que indica quantidade ou objeto indefinido, o falante transmite valor enfático, intensificando a noção de quantidade ínfima, insignificante. E quando se refere a objeto, a coisa, como em (133), sugere a avaliação crítica do falante em relação ao exposto.

4.5

Marcador discursivo

Verificamos, em nossos dados, o uso do demonstrativo neutro *isso* operando como marcador discursivo, sem relação com a 1ª, 2ª ou 3ª pessoa do discurso.

(138) Papo de centro cirúrgico 4 (Texto 23)

Já falei aqui de um colega picareta com quem trabalhei. O cara fazia migué pra tudo, dizia que não operava só pra não ter que ir para o centro cirúrgico, o almoço dele durava cinco horas, essas coisas. E eu só aturando os pepinos gerados pelo cara.

Mas, como diria uma ex-administradora da minha clínica, chega o dia que o dia chega. Calhou que um dos colegas de plantão tinha ido para um congresso e o picareta estava só esperando um colega rendê-lo para poder sair mais cedo e ir a uma festa. Nisso, chegou uma fratura exposta de perna, combinada com fratura fechada de tornozelo – ou seja, ao menos a exposta teria que ser operada. Como eu precisava de auxílio, o picareta teve que vir comigo. Era o dia da vingança.(...). (Mauricio Garcia)

(139) Me alcançou (Texto 24)

Pois bem... Não é que a danada da felicidade me alcançou? E só agora, escrevendo essa frase, me lembrei do post de Babi Martinez, na verdade, lembrei da música que ela me mostrou e que, a propósito, antecede a própria postagem.

*Queria poder roubar a letra da música e repeti-la aqui. Simplesmente roubar o post e pronto. Colocar um "é **issozinho**" no final e ponto... ponto igualmente final.*

*Queria mesmo era falar do meu trabalho, da minha alegria (...), do meu amor e de como isso tudo está relacionado a uma única pessoa. Mas aprendi, com esse mesmo alguém, que as coisas boas devem ficar guardadinhas, dentro do nosso coração (...). É **isso**. (Ela)*

(140) Entre santos e demônios (Texto 25)

(...) A santidade não admite que sejamos menos que puros, e da crueldade, não se espera menos que desumanidade. Sejam então humanos, pois sobre todas as coisas, entre o céu e o inferno, há nós.

*É **isso**, sempre que puder postarei minhas crônicas aqui (...). (Danile)*

(141) Seria cômico se não fosse trágico: reajuste de 6,51% para os servidores públicos em Campos (Texto 10)

É isso! O tão comentado reajuste anual dos servidores públicos municipais de Campos será de, nada mais, nada menos que 6,51% (...). (Luciana)

(142) Quem é essazinha? (Texto 26)

(...) Não faça julgamentos prematuros. (...) Antes de formar uma opinião ou definir uma posição, ouça e analise a história até o final. Sem fazer nenhuma mágica, você vai acertar muito mais. Bom, é isso. (Surfista)

(143) "Casamento não é lá essas coisas para a mulher (...)". (Texto 27)

Nossa amiga eu estou exausta! Que correria! Estou moída! Trabalhei o dia todo e ainda tenho que ouvir umas chateações do Julio. Cheguei em casa ainda fui preparar a comida do Bento, te falei? Ele precisa emagrecer, então, de agora em diante é cuidado redobrado, mas, só que o pai dele não ajuda! Pedi para a gente revezar no preparo do jantar, só que no dia dele sempre chega mais tarde, liga se desculpando. E daí? Daí, sobra pra mim!

Calma amiga, você está realmente cansada até a sua voz ta brava! Não o pior não te contei, ontem antes de deitar ele veio com um papo de que a mulher do Paulo () Af! A Letícia? Isso! (...). (Selma Arau)

O uso preposicionado, em (138), amplamente utilizado em narrativas orais e escritas, é outro exemplo de funcionamento do demonstrativo fora de sua função dêitica ou anafórica. Observamos o pronome funcionando como um operador discursivo que sinaliza um momento específico, o tempo em que algo aconteceu numa sequência de eventos dentro da narrativa e, ao mesmo tempo, dá continuidade, ritmo, ao tópico discursivo. Cunha e Cintra (2007: 347) abordam esse emprego particular do demonstrativo. Segundo os autores, “nisto” ou “nisso” teria o mesmo sentido de “então” ou de “nesse momento”. Acrescentamos que “nisso” também equivale ao operador “aí”, muito usado na fala popular em narrativas orais.

Em relação à construção *é isso*, temos duas funções diferentes já documentadas. Em Castilho (2012: 501), encontramos esse uso do demonstrativo com a função de encerrar o tópico discursivo, como acontece em (142), tendo como referente não um termo específico, mas todo o conteúdo do texto. Em Pavani (1987: 60-61), temos o emprego de *isso* e *é isso* com valor de afirmação, equivalendo a *sim*, como visto em (143). Conforme a autora, trata-se da retomada da fala anterior do interlocutor, avaliada positivamente e sintetizada no pronome.

No que diz respeito à função afirmativa do pronome *isso*, que pode ser usado sozinho ou acompanhado do verbo ser (é + isso), Alencar (2004: 51), ao descrever várias categorias de expressões formulaicas, da língua portuguesa, classifica-o como uma expressão formulaica de concordância. Expressões formulaicas são fórmulas que possuem seu significado dentro de um contexto situacional. O autor entende que tais expressões, embora apresentem certos elementos fixos, apresentam também uma mobilidade na forma (*Idem*: 30). Segundo o pesquisador (*Idem*: 21), as expressões formulaicas atendem a determinadas situações de comunicação com uma função específica.

Em nossos dados, encontramos casos em que *é isso* atua não só encerrando o tópico discursivo, mas também iniciando, como acontece em (140) e (141). Além disso, percebemos que o emprego em (141) expressa atitude subjetiva do falante. "É isso!", no início do texto, funcionou como uma interjeição, sugerindo o estado emocional (frustração, indignação) da autora em relação a uma situação já decretada.

O uso em (140), ao mesmo tempo em que retoma e reafirma o texto anterior, inicia novo tópico discursivo.

Chama-nos a atenção o emprego, em (139), quando a autora diz que gostaria de colocar um "**é issozinho**" no final de uma letra de música. Além da função de encerramento discursivo, vemos que foi dado ao pronome um valor modalizador asseverativo. Nesse sentido, é como se o uso de "isso", ao final do texto, trouxesse mais peso à mensagem. Seria uma estratégia discursiva usada pelo receptor para transmitir segurança ao fazer suas colocações, ou seja, dar como certo o que foi dito a fim de convencer o receptor.

Assim, pelos exemplos apresentados, além de "isso" funcionar como uma expressão formulaica de concordância (Alencar, 2004), pode funcionar também como um marcador discursivo, que, dependendo do contexto de uso, pode iniciar ou encerrar o tópico discursivo e tomar como escopo de referência as atitudes subjetivas de natureza avaliativa do falante. Dessa forma, atua no nível interpessoal como estratégia discursiva. No nível representacional, faz remissão anafórica ao conteúdo.

4.6

Conhecimento compartilhado

Encontramos diversos exemplos de uso dos demonstrativos em que os referentes não se encontram nos contextos verbais, estando implícitos na memória enciclopédica, no saber cultural do interlocutor. Segundo Castilho (2002: 129), são casos em que talvez se possa dizer que a foricidade se deslocou do semântico-verbal para o pragmático não verbalizado. Nesse sentido, os demonstrativos, nesses contextos, adquirem o caráter de operador pragmático, agindo no nível interpessoal.

Em relação ao conhecimento compartilhado, Dik (1997b *apud* Souza, 2008: 8) entende que, na interação verbal, é necessário distinguir os seguintes tipos de conhecimentos contidos na informação pragmática: (i) conhecimento prévio (conhecimento que falante e ouvinte possuem antes de um evento comunicativo), que pode ser linguístico ou não linguístico (conhecimento de mundo) e (ii) conhecimento imediato (conhecimento derivado da situação discursiva em que ocorre o evento).

O conhecimento imediato pode ser situacional (conhecimento derivado do que pode ser percebido e inferido da situação comunicativa, incluindo referência dêitica) ou textual (conhecimento oriundo da informação transmitida durante o evento comunicativo). Esses tipos de conhecimentos assumem um papel crucial na interação verbal, determinando a formulação e a interpretação do discurso entre os interlocutores.

É preciso considerar, no entanto, que a ausência desse conhecimento compartilhado pode prejudicar a compreensão da mensagem. Daí a importância, como defende Meyer (2013: 13), de um ensino de PL2E que, além das questões estritamente linguísticas, verbais e gramaticais, também preze os aspectos interculturais, para que o aluno – munido de conhecimento acerca das questões sociais, políticas e históricas do país alvo – seja competente linguisticamente em todos os contextos de interação, compreendendo o dito e o não-dito.

Os exemplos a seguir ilustram nossas considerações.

(144) Feliz Dia dos pais pra todos (Texto 18)

Há alguns anos, lá na Praça da República eu vi o Delcley Machado tocando a música “Manuel, o Audaz”, do compositor mineiro Toninho Horta.

*Fiquei impressionado com aquela apresentação. Primeiro porque o show era ao ar livre e, já sabe né, com direito **àquelas** limitações de infra que a gente conhece quando o poder público se anima para ofertar um issozinho de bom para o povo.* (Raimundo Sodré)

(145) Quem é essazinha (Texto 26)

*Sabe **aqueles** desenhos da Disney em que a mocinha dança e canta com o príncipe entre passarinhos, esquilinhos, ursinhos e outros "inhos"? Pois esse é o universo que Cassandra, a Princesa das Trevas, escolheu para chamar de seu.* (Surfista Prateado)

(146) Sabe aquela sensação de vazio? (Texto 28)

***Aquele** aperto no peito? **Aquela** enorme vontade de chorar e não encontrar motivos?* (Sandra)

(147) Um dia daqueles (Texto 29)

*Você já teve um dia **daqueles**? Nosso amigo Charlie já. (...) Um dia daqueles chega devagarzinho, sem você perceber.* (Ana)

(148) Procurando 2 (Texto 30)

*Algo de interessante, recorro, claro, como todo mundo, à internet. Acesso um site que me faz a seguinte, importante e vital pergunta à minha vida, da minha família, dos meus dois cachorros: qual o melhor champagne: o branco das brancas ou o branco das pretas? Acha pouco e completa, inquirindo-me. Qual a melhor casta (deve ser de uvas, né?), pinot noir, pinor meu nier ou chardonny? E agora? Como vou dormir e dar **aquelezinha** básica (hoje é dia!!!) de madrugada? Vou passar a noite em claro...brochado.* (Thurbay)

(149) Abraço (Texto 31)

*Você abraçou alguém hoje? (...) Não digo o abraço dos namorados; muitos são fogosos... mas ficam só nisso. Não tocam o ponto essencial do abraço: o carinho. Digo **aquele** abraço desinteressado, **aquela** atitude que surpreende outrem.* (Evandro Figueiredo)

(150) Papo de centro cirúrgico 4 (Texto 23)

*Já falei aqui de um colega picareta com quem trabalhei. O cara fazia migué pra tudo, dizia que não operava só pra não ter que ir para o centro cirúrgico, o almoço dele durava cinco horas, **essas** coisas. E eu só aturando os pepinos gerados pelo cara.* (Mauricio Garcia)

Como visto, nas ocorrências acima, os autores supõem que seus leitores compartilham de seus conhecimentos socioculturais e que tais conhecimentos os guiarão na identificação dos referentes ou na compreensão do sentido emitido pelo demonstrativo.

Em (144), o autor pressupõe que o leitor já conheça o procedimento do governo no que diz respeito a oferecer algo de bom para o povo. O uso de "**aquelas** limitações" não só evoca o conhecimento de mundo do leitor, como também sugere a depreciação do autor em relação a ação governamental. O emprego, em (145), também evoca conhecimento de mundo do leitor.

Em (146), com os pronomes *aquela* e *aquela* o leitor é convidado a lembrar de uma experiência pessoal. A autora acredita que seus leitores já vivenciaram situações emocionais semelhantes e, por isso, podem se identificar com ela e compreendê-la.

Temos emprego semelhante em (147). A pergunta "você já teve um dia daqueles?" aciona uma busca nas experiências pessoais do leitor. Geralmente, "ter um dia daqueles" significa ter vivido um dia muito estressante ou frustrante porque imprevistos aconteceram ou porque tudo deu errado, etc. Lembra-nos a expressão "acordar com o pé esquerdo".

Da mesma forma, que em (147), a ocorrência, em (148), também exige que os participantes compartilhem conhecimento cultural para a compreensão do uso dos pronomes nesses contextos de uso. Temos, em (148), um uso eufemístico do demonstrativo compondo a expressão "dar aquelazinha" (mais conhecida como "dar umazinha"), usada para atenuar o efeito de vulgaridade que o uso de "fazer sexo" poderia conferir ao texto.

Em (149), vemos um valor superlativizante que o demonstrativo de 3ª pessoa transmite aos substantivos que eles determinam. "Aquele / aquela" dá ênfase, intensifica o sentido de "abraço desinteressado" e "atitude que surpreende".

No que diz respeito ao uso em (150), Roncarati (2003: 146) considera que o demonstrativo, nessa construção e em outras como "esses troços aí", "comigo num tem isso" etc., tem função resumitiva, sinalizando finalização de subtópico/tópico, série enunciativa anteposta ou posposta.

Consideramos, pois, o pronome "essas" como um termo generalizador, que funciona discursivamente globalizando uma gama de informações ou situações consideradas conhecidas e presumíveis. Assim, evoca o não-dito, mas conhecido socialmente. A ideia transmitida por "essas coisas" é que havia mais a ser dito, mas que não é necessário que seja especificado porque o interlocutor é capaz de inferir.

Segundo Castilho (2008b: 118), a presença dos demonstrativos em nossas sentenças fornece ao interlocutor pistas sobre o processamento mental, pré-verbal, levado a cabo pelo locutor. Por meio dessas palavras, ele passa ao interlocutor a seguinte instrução: “você sabe do que estou falando, você conhece o referente deste sintagma nominal, que foi explicitado nos atos de fala precedentes, ou que pode ser inferido em nossa situação de fala”.

Vemos, portanto, que nos contextos de uso apresentados, os demonstrativos estabelecem estratégias discursivas por meio de modificação interpessoal.

4.7

Compondo expressões para transmitir depreciação

Na pesquisa de revisão de literatura que realizamos, não encontramos trabalhos que abordem este último item da nossa análise de dados. São casos em que os demonstrativos perdem sua função dêitica ou anafórica, passando a compor expressões, quase cristalizadas. Seguindo o conceito de expressão formulaica, proposto por Alencar (2004: 30), poderíamos classificar tais construções como expressões formulaicas que expressam depreciação.

(151) Guia ABC ao contrário / Dica para não ir (Texto 32)

É gente... este não é um blog de gastronomia, nem de dicas apenas de restaurantes, mas como eu indico coisas que gosto, acho válido falar também quando uma coisa não é boa, e assim quem sabe até o pessoal se organiza e melhora o serviço (...).

*Chegamos em Santo André e como muita coisa estava fechada, paramos no primeiro que vimos aberto, numa região que eu conheço e tem bons japoneses. Decepcionei-me. (...) a comida **não estava lá essas coisas**. (Carol)*

(152) Amor à comida (Texto 33)

(...) *Na hora da sobremesa, decepção novamente. Pedimos uma panqueca de doce de leite (...). Só pela aparência já dava pra ver que **não estava lá essas coisas** (...).*

(153) Garotas e livros (Texto 34)

(...) *Olinda receberá, dos dias 14 a 17 de novembro na Praça do Carmo, a 9ª edição da Festa Literária Internacional de Pernambuco – Fliporto. (...) Para quem pode conferir a feira ano passado viu que os preços dos livros **não estavam lá essas coisas**, infelizmente. (Dani)*

(154) Destaque em amor a vida (Texto 35)

*Para mim um dos melhores papéis de La Savalla foi como a sofrida Maria Luísa de Quem é Você que promoveu uma vingancinha interessante. A novela **não foi aquilo tudo** mas a Elizabeth e a Cleyde Yáconis mais a Cássia Kiss, Paulo Gorgulho, Julia Lemmertz, Jonas Bloch e Eva Todor salvaram a novela que tinha sido a última argumentada pela Ivani Ribeiro! (Nilson Xavier)*

(155) Todos Deveriam Ler Um Clássico (Texto 36)

*Gente tudo bom com vocês?! Hoje o post é sobre um assunto que eu gosto bastante: Clássicos. Acredito que todo mundo uma vez na vida deveria ler um livro assim. (...) Já li o Romeu e Julieta e confesso que a história **não foi bem aquilo tudo** que eu esperava, mas mesmo assim não deixa de ser bela. (...). (Ane)*

(156) "Ah, ele **não era aquilo tudo...**" (Texto 37)

*Querendo saber todos os detalhes, você logo pergunta quem é (...) e a resposta é também sempre a mesma, "é uma pessoa muito especial. Eu sinto que vai ser diferente (...). Você sorri e deseja sorte (...). Passam-se alguns dias (...). "O que aconteceu?", você novamente pergunta. A resposta, outra vez, não varia muito, "ah, ele **não era tudo aquilo** que eu pensava" (...). (Ruleandson do Carmo)*

Como visto, as expressões "não estava lá essas coisas" / "não era aquilo tudo" e suas variações ("não é / era / foi lá essas coisas" / "não é / estava / foi aquilo tudo") expressam a subjetividade, a avaliação negativa do emissor em relação a alguma situação ou fato expresso por ele.

As ocorrências, de (151) a (154), expressam avaliação negativa, insatisfação, frustração dos participantes em relação aos pratos servidos nos restaurantes visitados (151 e 152), aos preços dos livros no evento literário (153) e à trama da novela "Quem é você" (154).

Consideramos as expressões quase cristalizadas porque há casos em que o usuário insere outras unidades lexicais ou inverte a ordem da construção. Em (155), por exemplo, há a inserção de um advérbio, que deu mais ênfase a avaliação da autora, demonstrou sua quebra de expectativa, ela esperava mais da obra *Romeu e Julieta*. Em (156), temos a inversão na posição dos pronomes: "não era **aquilo** tudo / não era tudo **aquilo**", com objetivo também enfático. O pronome indefinido anteposto ao demonstrativo transmite maior intensidade depreciativa do emissor.

Embora haja algumas variações, a maioria das ocorrências de uso mantém a seguinte ordem:

- (i) não + verbo ser / estar (presente ou passado) + lá + essas + coisas;
- (ii) não + verbo ser / estar (presente ou passado) + aquilo + tudo.

Ambas as construções atuam no nível interpessoal do discurso como operadores de subjetividade, revelando depreciação, crítica, decepção, etc. do falante a respeito de algo apontado por ele na situação comunicativa.

As interpretações sugeridas, a respeito da diversidade do emprego e das funções dos pronomes demonstrativos, nas seções apresentadas, buscam um novo olhar sobre esses elementos linguísticos. Sobretudo, no que diz respeito ao ensino de PL2E, não podemos ter uma visão reducionista, limitada a uma análise puramente microlinguística. Faz-se necessário uma apresentação da multifuncionalidade não apenas dessa classe de palavras, mas também de outras que compõem a nossa língua, levando em conta dados extralinguísticos, como contexto de uso, relação entre os participantes e aspectos culturais.